

# A PLEBE

Redactor principal: Pedro A. Motta

PERIÓDICO COMUNISTA-LIBERTÁRIO

Gerente: Rodolpho Felippe

Redacção, administração e officina:  
LADEIRA DO CARMO, 3  
Especimente à parte

ASSIGNATURAS  
108000 Semestral 53000  
Numeros avulsos 8100 Parcerias e exempl. 13600

Toda correspondência, cartas e recados devem  
ser endereçados a Caixa Postal 165  
S. Paulo - Brasil

## A historia repete-se

— Ah! não quizeses o socialismo? Tereis a guerra,—a guerra de trinta annos, de cinquenta annos! dizia Herzen depois de 1848, quando viu soffocados pela metralha todos os movimentos que explodiram naquelle época em tantos países, visando a Republica Social, o estabelecimento duma sociedade mais progressiva, mais justa e humanitaria, que destrubisse pela totalidade de seus membros a maior somma de conforto, do bem-estar e de liberdade possivel.

Mas o povo, os trabalhadores, os proletarios, illudidos pelas promessas dos politicos e pelas grandes phrases de alguns litteratos e poetas burguezes, não pelearam com a necessaria energia, não offereceram a resistencia precisa, não souberam defender as alforrias desejadas e as aspirações insatisfeitas com a coragem, desassombro e valentia, que exigiriam as circunstancias, derramando até a ultima gotta de sangue de preferencia a continuar escravos, mendigos, segregados do convívio social.

Depois realizou-se a propheta de Herzen: Quem não soube conquistar, estabelecer o Socialismo, fôr a paz universal, teve de batalhar em matanças successivas, odiosas, mortíferas e hediondas numa serie ininterrupta de guerras durante não 30 ou 40 annos, mas durante 70 annos, até desembocar na mais feroz das, aquella que começou em Agosto de 1914 e que alguém suppõe ter findado em Novembro de 1918, mas que já estragos, barbaridades e resultados funestissimos e ferocissimos continuam soffrendo-se e sentir-se-ão ainda por muitas decadas de annos, projectando-se e repercutindo-se até no dia da liquidacao social desta enxada que provoca as guerras para melhorar, ou eliminar do numero dos vivos, e não conservar sujeitos a fome extrema, a miseria pavorosa e a ignorancia degradante e aviltante.

Pois, agora, em 1918, após a Revolução russa e após a Revolução allemã que obrigou os ellidados e os imperialistas burgalómicos allemães a estabelecer o armistício e depois a assignar a paz, diga-se antes a trégua de Versalhes, quando todos pensavam que o dia da grande e ultima liquidação do regimen actual era chegada, quando todos pensavam que não ficaria pedra sobre pedra deste edificio social, moral e intellectual que nos amesquinha, que nos apouca, que nos degrada e explora, por cobardia dos chefes, por tração dos pastores, por embusteamento e indecência das massas, por confusão casual ou propositada dos principios e das idéas, ainda a burguezia conseguiu passar o Rubicon do grande ajuste de contas, conseguiu uma inortoria, um compasso de espera, e, como em 1848, está o aproveitando não como seria logico e justo esperar, melhorando as condições do povo que tudo produz e nada goza, mas unica e simplesmente tentando liquidar com todas as libertandas collecções e

individuaes, estabelecendo o terrorismo da dictadura de facto, com toda a franqueza, ou mais ou menos veladamente, jesuiticamente, hypocritamente sob nomes e euphemismos diversos. Quem os inimigos poupou...

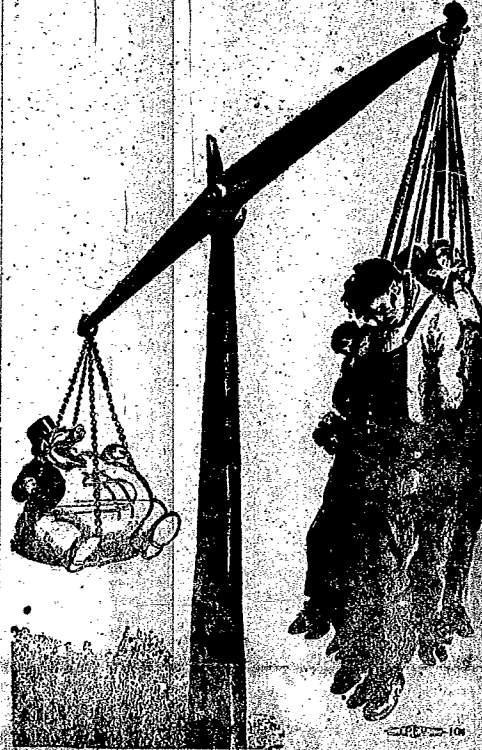
O povo, sob a forma de soldado armado até aos dentes, permitiu desmobilizar sem o minimo protesto, sem o menor gesto de rebeldia, sem fazer uso das armas de vida e de liberdade. Entre os encontros que o poderiam libertar com a mesma inconsciencia e indiferença que os tinha recebido para seguir para as fronteiras atacar os chamados estrangeiros, os supostos inimigos da patria, matando e morrendo dum modo estúpido, inconsequente, abominavel. Ficar sem pão, sem agasalho, sem moradia, sem emprego, foi o pago que recebeu por se ter batido durante cinco annos nas mais altas e frigidias montanhas e nos mais profundos e traiçoeiros mares. Preso, fanteio, perseguido, calumniado, reprimido, morto, eis o premio que a burguezia, os governantes, os potentados lhe outorgam pela justificação de seu proceder, pela irracionabilidade de sua conduta, pela bestialidade de sua accão.

Quer dizer, a guerra sempre sorriu, e esta ultima mais que nenhuma, para o povo perder a vida e liberdade, o pouco de conforto e de bem-estar que antes possuía. Em suma: augmento da miseria e diminuição de direitos, de garantias, de regularidades, eis o que se pode e deve esperar dessas periodicas e sempre repetidas hecatombes de povos, chamadas guerras, conflictos internacionais.

Os partidarios da guerra bem gritavam batel-vos, batel-vos, que depois tudo obtereis. E os que não morreram estão vendo o que obtiveram: uma exploração mais descontraída e intensificada, uma falta de trabalho mais que nunca intensa e pavorosa, uma ex-restia unica e arripante, uma fome, uma miseria, o mais falta de escrúpulos como nunca a humanidade viu outra igual.

Diante de tudo isto é ensô de paraphrascar Herzen, increpando todos aquellos que não souberam agir no momento opportuno: — Ah! não quizeses o Socialismo libertario, o Anarquismo-comunista, o reinado da Igualdade, despojando os senhores de suas riquezas e prerogativas? — Pois tereis a guerra, soffrereis a miseria mais pavorosa, as perseguições mais trágicas e deshumanas por arte da burguezia e das classes privilegiadas, pois pagavos do deo modo os vossos gestos de franqueza, as vossas indecências, hesitações e irresoluções. Não quereis lutar pela vossa libertação, mas tereis de lutar para provelto e em favor de vossos senhores, governantes e exploradores.

A. SCHMIDT — «Janellas Abertas» — J. C. BOSCOLO — «Dor Anonyma - Pingos Rubros» — Preço 2\$000, cada volume.



Em regimen burguez, a balança penderá sob o peso do suino burguez, com o sacrificio do povo soffredor

Vindo um individuo dizer ao cão, calmamente respondeu-lhe o imperador Carlos V, que, ali perto, estava escondido certo, dizer onde ou estava do que virissimo, o monarca, cunhares dizer-me onde elle se escondo do asqueroso acto de dilid...

### O moço pobre

Nasce geralmente do paes desnutrido, mal vestido, que soffrem todos os horrores do trabalho escravo, esmagados, mal nutridos. Mal apparece neste mundo e embullado atabalhoadamente, sem os cuidados de nenhuma patria, num monte de farrapos. A mãe apressada não o peito mas ninguém cuida de verificar se o leite é são e nutritivo. E o pequenino não ainda o afortunado se não encontra um numeroo grupo de irmãosinhos. Mas a sua sorte pode ainda ser pior se quando veni ao mundo não o ao seu trabalho. Passado o periodo do aleitamento, a pagem leva, nos dias bonitos, o menino rico nos prados floridos a respirar a plenos pulmões o ar puro.

Passada a puercia é entregue a um preceptor que o prepara para dar entrada na Universidade, de onde sahirá, por merito ou por protecção, diplomado, douto ou ignorante de frequentar alguns annos a escola, nella não terá apreendido outra cousa que a scrivir resignadamente a patria e os seus patrios.

Elle é o escravo.

### O moço rico

Nasce geralmente do paes bem alimentado, que gozam de todas as delicias. Mal abre os olhos a luz do dia é recebido por um medico, por uma parteira, por uma ama. Esta ultima está prompta com o peito turgido de leite, reconhece são, em consulta medica, para lhe offerecer immediatamente um alimento são. Passado o periodo do aleitamento, a pagem leva, nos dias bonitos, o menino rico nos prados floridos a respirar a plenos pulmões o ar puro.

Passada a puercia é entregue a um preceptor que o prepara para dar entrada na Universidade, de onde sahirá, por merito ou por protecção, diplomado, douto ou ignorante de frequentar alguns annos a escola, nella não terá apreendido outra cousa que a scrivir resignadamente a patria e os seus patrios.

Elle é o patrão.

### Pelo Rio Grande do Sul

A paz foi assignada com um barulho retumbante, com regojos officiaes, com ponto facultativo nas repartições publicas, com celebração de missas, com manifestações de toda a ordem. E até nós tivemos um momento de alivio, pois esse pesadello de guerra civil entre irmãos rio-grandenses era tragico de mais para deixar de impressionar todos os corações sensiveis, todos os cerebros equilibrados, todas as almas bem formadas.

Mas, todas as cousas tem um mas, parece que apesar da paz firmada, os animos ainda se não pacificaram. Pelo sul do Brasil. Todos os dias o jornal «O Estado de S. Paulo» narra episodios succedidos no Rio Grande do Sul, prisões rúsgas, tironeganças de opposicionistas e governistas que despitam nos de esforços achando talvez que a paz firmada não resolveu as questões pendentes, não solucionou os problemas que provocaram a luta armada, não cortou cerce d'um lado os pruridos e contínuar sendo governo eternamente e do outro os desejos que os opposicionistas tinham de se apoderarem do que se chama o poder, e comel-o sem concordes de qualquer especie numa calma doce e socegada que o extermínio dos inimigos governantes, ou melhor dos seus sequazes lhes teria proporcionado.

Será o rescaldo do grande incendio que procura avivar-se novamente, mas que não poderá propagar-se por falta de combustivel? Oxala que assim seja, para socego e vantagem de todos aquellos que não morreram nesta ultima contenda que tantos mezes durou, que tantas vidas custou e quantos outros desencadeou.

O dever de todos que querem a paz, que a desejam, que a põem acima de tudo e cultural, pratical, desenvolve-la. A guerra não guerra dura; atando os olhos e suscitando calamidades e violencias.

### «O Trabalho»

Orgão da Federação Operaria do Rio de Janeiro reaparecerá dentro de breves dias

A Commissão a quem o Comité Federal da Federação Operaria do Rio de Janeiro encarregou da publicação do «O Trabalho» que reaparecerá agora como orgão da velha Federação local, não obstante os innumeráveis obstaculos que tem encontrado, tem a satisfação de communicar aos trabalhadores que o Jornal está somente dependendo da sua impressão, o que espava vencer, apesar das severas disposições da ultima lei contra a liberdade de pensamento.

O atraso verificado no reaparecimento do «O Trabalho» não é, em absoluto da responsabilidade do comissario.

O Comité Federal já está ao corrente de todos os obices encontrados, sendo que, quando for possível publicará-se o n.º 6 (2.º numero da phase que se vai iniciar) d'averos circunstancias e noticias dos impedimentos que nos tem sido oppostos.

A Commissão do Jornal

# Resposta necessaria

VI

Passada a fase decisiva compete às classes trabalhadoras entrar em offensiva. Até aqui, nada de novo. Os dez ex-anarchistas russos pensam que essa offensiva deve ser feita com auxílio dos camponeses, como na Rússia. Com certeza nunca ninguém pensou nisso. Foi preciso o exemplo dos bolchevistas para que o proletariado compreendesse a necessidade do colapso dos campones! Mas isso é ideia velha.

A offensiva tem por fim apagar os burguezes do poder. Por força. Os anarchistas preferem o termo *apoderar-se* do poder, que eu aceito. Agora vem a differença capital. Os bolchevistas pretendem *conservar* esse poder politico nas mãos, ao passo que os anarchistas tencionam *destruir esse poder*. Acham elles que só se pode acabar com a machina capitalista expulsando os machinistas para, com tempo e jeito, ir pouco a pouco endireitando as molas, mudando os parafusos, agitando os eixos, substituindo os mancaes. No fim a machina é outra.

Nós, anarchistas, sustentamos per isso operação impossível ou perigosissima. Coisa milagrosa é transformar uma machina a vapor em machina electrica ou tirar um automovel de um boyde. Um jaquetto concertado é sempre jaquetto; casa reconstruida é sempre casa. Estado capitalista remendado, permanecerá sempre Estado capitalista, sejam quaes forem seus dirigentes. O erro dos bolchevistas é suporem haver *viés* na machina social, quando o erro está precisamente em *ter-se a machina*. É o cumulo do disparate propor-se a destruir a machina e *servando-a*, melhorando-a.

Dizemos ex-anarchistas que só podemos levar a termo a offensiva aos burguezes com a *destruição do proletariado*. Porque? Porque assim se fez na Russia. É o unico argumento dos bolchevistas. Até hoje, não ouvi outro.

Esse argumento superficialissimo tem transformado muita gente, deshabituada a pensar por si. Os bolchevistas assim fizeram; logo, assim devemos fazer. E não há outro meio! clamam elles. É como se algum discesse: «Os aeroplanos só andam no ar accionados por uma helice; e não ha outro meio!» Como não? O facto de só se haver applicação da helice ao aeroplano não importa na não existencia de outro processo, inclusivo o do aeroplano *sem helice nenhuma nem outro qualquer propulzor*, como já se faz na Alemanha.

A mentalidade do individuo que nega a possibilidade de *outra processo revolucionari* é exactamente a mesma do que negasse a possibilidade de outro propulzor que não a helice. Não podem conceber outra coisa senão o que vêm, o que lhes mostra, o que os outros fazem. São, positivamente, pobres de espirito, quando não intoleraveis bateboqueadores.

Logo, quando os anarchistas nos affirmam que só se pode vencer a burguezia e instaurar o communismo por meio da dictadura do proletariado, apenas denotam irremediavel estreiteza de espirito. Se eram anarchistas deveriam ter comprehendido a doutrina e se, porque viram a dictadura bolchevista, se apegaram a esta, é que não lhes entrou nos miolos a possibilidade de um aeroplano sem helices pesadas, sem motor, sem gazolina.

Ora, o que nós anarchistas declaramos é precisamente o *anachronismo da machina*, sua ruindade irremediavel: pregamos que o problema não é aperfeiçoar os motores ou as helices,

mas dispensal-os, adoptar outro systema sem helices nem motores. E se algum nos força a voltar em aeroplanos de helices e nos impede fabricarmos aeroplanos simples, é sandice reatada nos apoderarmos dos aeroplanos delles e procurarmos pouco a pouco ir diminuindo a gazolina, cortando as helices e encurtando os cylindros até desaparecerem.

Deante pois da affirmacão categorica dos bolchevistas de que só com a dictadura se fara a revolução communista, nós oppomos nossa affirmacão categorica de que a dictadura politica do Estado quoerquam jamais conseguirá tal desideratum.

Se os bolchevistas fizerem a dictadura é que esse processo era o processo *previu n'e desajuro por elle*. Fizeram o que a theoria marxista lhes indicava; fizeram-no *o p'u isso* e não porque seja ella o *un'co mio*.

JOSE OTTICIA

## E' a isto que chamais "viver, ?

Levantar-se ao romper da aurora. Correr e aproveitar-se de algum modo de locomocão rapida, dirigindo-se ao «trabalho», quer dizer «encontrando-se» num local, exposto ou apertado, arejado ou com falta de ar. Assentar-se diante de uma machina de escrever, deditilhando para produzir letras, das quaes não se fariam metade se os «crevessem a mão. Ou então talar, accionando qualquer engenho mechnico, peças sempre queilhanças. Ou ainda manter-se sempre á mesma distancia dum motor, vigiando-lhe o funcionamento ou assegurando-lhe a marcha. Ou, afinal, mechnicamente, automaticamente, de pé a trabalhar, repetir os mesmos gestos, fazer os mesmos movimentos. E isto durante horas e horas sem variar, sem a menor distracção, sem mudar de atmosfera, todos os dias.

— E' a isto que chamais «viver?»

Produzir! Produzir, ainda! Produzir sempre!!! Como hoje em dia, como ante-hontem, como a manha, se não estiver doente nem morto. Produzir? Causas que parecem inúteis, mas que é interdito discutir a superfluidade. Produzir objectos complicados de que se não tem nas mãos senão uma parte somente, uma parte infima, ignorando-se o conjunto das phases da fabricacão. Produzir, sem saber o destino do seu producto, sem poder recusar o producto aquillo que vos não agrada, sem poder manifestar a menor iniciativa individual. Produzir depressa, rapidamente. Ser uma terramenta para render que se estima; que se impelle, que se empurra, que se espreme até que nem mais um centesimo do beneficio della se possa extrahir.

— E' a isto que chamais «viver?»

Partir desde manha á caça da clientela, perseguir, correr, o comprador sério, saltar do Metropolitan num taxi auto, deste num carro de praça, e a seguir num vehiculo de tracção electrica, quando não se vinja num rio pantanoso. Fazer cincoenta visitas num dia; sear a bocca para gabar a sua mercadoria e arruinar os pulmões para deprimir a alheia. Voltar a casa altas horas da noite, superexcitado, extenuado, inquieto, tornando desgraçado as pessoas da familia, vazio de toda a vida interior, de todo o impulso para um melhor ser moral.

— E' a isto que chamais «viver?»

Estolar-se dentro dos quatro

muros duma prisão. Sentir, acovado, o desconhecido do futuro separando-vos dos que são vossos, que vos sentis vossos, ou menos pela afeição ou pela communiidade de risços. Experimentar, condemnado, a sensação de que «vossa» vida vos escapa, que undam mais podereis fazer para a determinar, e isso durante mezes, durante annos. Não poder lutar. Nada mais ser que um numero, um objecto matriculado, e, aliado, espiado, explorado e tudo isso bem alem da equivalencia do delicto commettido.

— E' a isto que chamais «viver?»

Vestir uma farda. Durante um, dois, tres annos, repetir os gestos do instar homena. Em plena flor da juventude, em plena ex-pleosha da virilidade, fechar-se em immensos casarões, de onde não se sac nem se entra se não a horns fixas. Comer, passear, acordar, fazer tudo e nada á hora certa. E tudo isso para aprender a manejar engenhos que arrancam a vida a desconhecidos, preparando-se tambem a tombar um dia, ferido por qualquer projectil, vindo de logares distantes, projectado por mãos desconhecidas tambem. Arriscar-se a morrer ou a matar. Trunfo, dado, peão entre as smos dos Privilegiados, dos Poderosos, dos Monopolizadores, dos Acumbaradores, quando um não é privilegiado, nem poderoso, nem possuidor do que quer que seja.

— E' a isto que chamais «viver?»

Não poder aprender, amar, isolar-se. Nem flamar á vontade. Dever permanecer fechado quando o sol brilha «ou quando as flores dá. floresta tudo embalsamam. Não poder ir para o sul quando o vento é glacial e a ne-ve bate em nossas janellas, nem para o norte, quando o calor é torrido e queima as hervas dos campos. Encontrar diante de si, sempre, por toda a parte, leis, postes-fronteiras, moraes, convenções, guardas campestres, juizes, usmas, prisoes, quartéis, homens uniformizados que protegem, mantem ou defendem uma ordem de cousas constrangente ou entravante á expansão do individuo.

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

— E' a isto que chamais «viver?»

# E se A PLEBE passasse a semanario?

Seria uma grande cousa, seria, mas «A Plebe» de per si não poderia fazer esse milagre.

Se quizermos que ella seja semanal, será; mas para isso é mister «querermos» expender nesto sentido as energias que sejam necessarias.

Nós, os que temos a incumbencia sobre os hombros de redactar, administrar e, enfim, de pôr «A Plebe» na rua, estamos promptos a sobrecarregarmos com o trabalho de publicar semanalmente o jornal.

O que nós temos, e isso o dizemos sem rebuços, é meios economicos para enfrentar «defeitos». Até hoje, nos 22 mezes desta nova phase, esses meios para publicar o jornal quinzealmente não nos tem faltado, o que demonstra que os nossos esforços tem sido secundados pelos camaradas e sympathisantes capalhados por todo o paiz.

Presentemente temos um saldo discreto que, accrescido ao que der a tombola, orçará por um conto e quinhentos mil réis. Essa quantia mal cobrirá as despesas que se faça em um mez publicando o jornal semanalmente.

Mas, ao par da somma em dinheiro que julgamos necessaria para garantia da viabilidade da iniciativa, julgamos tambem necessario preparar o ambiente para que, ao iniciar a publicação semanal do jornal, seja lido e propagado num circulo mais amplo, que abraja na sua esphera de accção um maior numero de pessoas; e para conseguir isso contamos com a boa vontade de todos camaradas e leitores.

Não marcamos ainda o dia em que poderá ser iniciada a publicação semanal. Lembremos, porém, que em 17 de Março proximo futuro, «A Plebe» entrará em seu terceiro anno da nova phase. Não seria o caso de encerrarmos então a sua publicação semanal?

Pergunta tentadora, não acham?

Pois bem, só os camaradas quizerem, tentaremos. Os de boa vontade que appareçam a ajudar-nos. E todos o podem fazer. Entre outros meios alic dos que a iniciativa particular suggerir nos camaradas, de accordo com o meio em que vivem, pode-se fazer o seguinte:

1.º - Todos os camaradas que receberem listas de subscrição, devolvam nas sem perda de tempo.

2.º - Os camaradas que não recolheram que se apressem e pedida a nossa administração.

3.º - Ha ainda varios camaradas que não puderam liquidar as suas contas dos bilhetes da Tombola, estes devem esforçar-se por receberem e entregarem as importancias de seus debitos.

4.º - Começar desde já a difundir o jornal entre amigos e conhecidos; para isso é o bastante os camaradas «fazerem pedidos de pacotes com os exemplares que julgarem necessarios.

Feito isso com vontade, dedicação e celeridade, estamos certos de que «A Plebe» em meados de Março poderá entrar no seu terceiro anno da nova phase e setimo do vida, reiniciando a sua publicação todos os sabados.

Aos camaradas de boa vontade compete responder com factos o seu amor á causa da anarchia.

Do Biriguy recebemos a seguinte carta:

«Caros camaradas de «A Plebe». - Enviamos-vos o nosso parecer sobre a louvavel iniciativa de publicação semanal de «A Plebe».

E' bem sabido que «A Plebe»

já ha muito se tornou o baluarte invencivel da causa dos opprimidos, tendo já estampado em suas paginas ou «dias de grandes lutas» que qual Phœnix da lenda, «Renasce das proprias cinzas», porque não ha de tornar a ser semanal, o jornal que tem uma vida longa e cheia de gloriosas batalhas em favor dos opprimidos, e que sempre vem do cumentando seriamente todas as infamias praticadas pelos tyranos da politica e do capital?

Nós prestaremos o nosso concurso não só para que seja semanal quanto antes, assim como deseariamos que fosse diaria, se possível fosse.

E para que «A Plebe» seja publicada o jornal quinzealmente já o producto de uma lista aberta entre os camaradas desta localidade.

Salve o solidariedade.  
Pelos camaradas de Biriguy,  
J. B. PASTOR

## Uma figura anarchista

Falleceu, em Lisboa, no Hospital de S. José, o velho propagandista do anarchismo, Antonio José d'Avila, um homem de bem que esgotou a vida na pregação inane de um ideal que era, no seu espirito, como uma obsessão, das que dominam a existencia inteira até as maiores renuncias até aos extremos sacrificios.

Antonio José d'Avila foi um apostolo do doutrinarismo revolucionario, mas um apostolo á moda antiga, todo elle dado de corpo e alma ao triumpho daquella aspiração que lhe enchia o cerebro, a ponto de não lhe deixar espaço para outras preocupações de aspecto mais pratico. Pregou doutrinas e factos, no jornal, nos cafes, em manifestos, em toda parte, crente de que preparava, assim, os aliceres de um mundo novo, em que houvesse mais justiça e mais amor, em que fosse efectiva a fraternidade universal.

## Um acto de solidariedade em favor do camarada CARLOS DIAS

Os militantes e o proletariado socialista manifestam em favor deste camarada

Foi recebido com immenso pesar a noticia do que o camarada Carlos Dias se acha enfermo na Capital Federal e em precarias condicões economicas para poder tratar do restabelecimento de sua saúde, dando isso motivos a que a familia revolucionaria de S. Paulo se movimentasse no sentido de prestar a sua solidariedade em prol do doente trabalhador da causa libertaria, cujo esforço e intelligente trabalho se tem evidenciado com real proveito em favor desse elevado ideal através de annos successivos na capital do paiz onde a verdade e a justiça são amparadas pelo grande amor e abnegação á causa da Revolução Social.

O movimento que aqui se está operando em seu favor o de sua familia, que é numerosa, e bem a prova de que o sentimento de solidariedade não é uma palavra, vá que apenas serve para ornamentar phrases boas e sem sentido.

Assim foi que sem perda de tempo acudiram solidos os companheiros e admiradores de Carlos Dias em organizar actos de solidariedade para mitigar-lhe os soffrimentos moraes e facilitar-lhe alguns meios economicos com que possa acudir ás despesas naturaes que as enfermidades acarretam.

Desse movimento já se evidenciou o seguinte resultado:

Lista aberta na nossa redacção  
374000  
Collecta effectuada no final do festival realizado em favor de «A



Table with financial data: Plôba - no dia 7 do corrente, Collecta effectuada na assembleia da União dos A. em Calçados, etc.

Essa quantia já foi entregue ao camarada Carlos Dias por intermédio do camarada Marques da Costa, o qual nos conta que ao entregar-lhe essa quantia, murmurou com C. Dias uma palestra que assim resumiu: Na convulsa história que hontem tivemos com Carlos Dias, observamos da sua parte um injustificável constrangimento.

MOVIMENTO OPERARIO

União dos A. em Calçados

A comemoração do aniversário da morte de Ricardo Cipolla - A aclamação da nova Comissão Executiva - Actos de solidariedade - A assembleia da próxima quinta-feira no salão Italia Fausta

Conforme noticiamos em um numero anterior deste jornal, effectou-se no dia 7 do corrente, a primeira assembleia desta nossa União dos Artífices em Calçados.

Parto da mesma foi dedicada, logo no inicio, á commemoração da passagem do primeiro aniversario da morte do nosso companheiro e activo militante Ricardo Cipolla. Fatoz, em primeiro lugar o camarada Boscolo que, num improviso evocou com palavras reportadas do sentimento e saudade a figura activa e energica, dedicada e franca, leal e sincera do prestante Ricardo que tanto prometteu para a causa proletaria e que prestava com amor, com ardor e com carinho toda a sua jovial energia e que, pela dedicação com que pugnavam em defesa dos opprimidos e propagava os seus ideaes de emancipação social, se tornava estimado por todos os trabalhadores e o comeciamos.

Dizia isso não como acto de idolatria, mas sim como expressão da verdade de todos collectado. E por isso que, aporé trabalho, Ricardo deve viver na nossa lembrança e os serviços de exemplo como lição para a emancipação social. Falaram mais os camaradas Polippe e Bueno, fazendo ambos considerações em torno da acção desenvolvida pelo Cipolla no meio da classe dos sapateiros e do proletariado em geral, terminando por dizerem a assembleia que a melhor homenagem que se pôde dedicar ao mártir do camarada é, sem duvida, continuar a obra a que elle dedicou os seus ultimos annos: lutar sempre contra todas as tyrannias, contra todos os oppressores, dentro das associações de trabalhadores pugnar pela elevação moral e intellectual da nossa produccion para que elle possa honra em marcha para a conquista da sua emancipação social.

Em seguida, a assembleia iniciou os trabalhos para a aclamação da nova Comissão Executiva. Durante esse trabalho manifestaram-se alguns sentimentos e alguns reclamos provenientes da grande luta que esta União sustenta no anno passado contra o patronato. Alguns camaradas aproveitaram o ensejo para pôr em discussão a seguinte proposta: que a classe durante o próximo semestre do corrente anno.

Dois de algumas discussões nesse sentido, foi aclamada a nova Comissão que terá a seu cargo os trabalhos da União durante o primeiro semestre do corrente anno.

O nosso amigo e camarada J. C. Boscolo, offereceu-nos em benefício da nossa bibliotheca 100 exemplares da obra de uma authoria intitulada "Dor Anonima". A nova Comissão vai deliberar sobre o melhor modo de aproveitar essa offerta.

Desde já os nossos agradecimentos.

Mas não ha razão para isso, observamos-lhe. O magro salario que conseguimos, antecipa-nos a tudo de H. N. Olybi, e simplesmente de facto não ocorrerá a manutenção de tua numerosa familia! Carlos Dias lestois ainda, não querendo conformar-se. Na verdade, aquelle é o imparioso motivo que obriga Carlos Dias a abandonar-se até ás officinas de "O Jornal" e o seu organismo se vai definhando dia a dia. A sua numerosa prole e a ausencia absoluta de recursos impõe-lhe esse sacrificio, ainda quando a doação em vez mimando reclama um loto e todos os cuidados da medicina. Mas os operarios conscientes e a massa do proletariado mesmo é que saberão, todavia, distinguir a verdadeira situação do seu companheiro enfermo.

Em nossa redacção, á Ladeira do Carmo, 3, continúa aberta a lista de subscrição e a solidificação de Carlos Dias que exhortou suas forças e sua saúde em propagar pela

Assembleia Geral - Na proxima segunda-feira, 21 do corrente, no salão Italia Fausta, sito á rua Florencia de Abreu, 45, será realizada uma assembleia geral, durante a qual será empossada a nova Comissão Executiva, tratados assumptos de grande interesse para a classe. Ha, pois, motivos para que nenhum sapateiro deixe de comparecer á mesma.

Pelas fabricas de tecidos

INDISPENSÁVEL UM ACTO DE ENERGIA DA CLASSE PARA VENCER O JUGO QUE NOS OPRIME

O mal estar economico que assombra as classes trabalhadoras neste momento em que os preços dos generos de primeira necessidade estão pela hora da morte, reflecte-se em maior intensidade entre os operarios das fabricas de tecidos onde o brádo productor é vergonhosamente explorado.

Emquanto os varios Namis Jafeta mudam em tudo o multiplicam os seus milites nos mesmos proprietores com os seus "res dos trabalhadores mult. (Aplicam-se as enfermidades e jejunis, a numerosa classe dos tecelões, que já foram o pavor da burguezia paulista, conservam-se inermes e vulnerantes ante a fúria da miseria em seus senhores.

Em uma ou outra fabrica, manifestam-se quasi que quotidianamente pequenos movimentos grevistas, reclamando aumento de salarios. São movimentos sporádicos que apenas servem para affastor o mal estar e a critica situação economica dos mesmos. Mas, isolados, desorganizados e sem a solidariedade dos demais companheiros de miseria, são fatalmente vencidos, e portanto forçados a voltar ao precido fabril, sem nada, ou quasi nada conseguirem.

A policia, por sua vez, com a fúria vassalla dos potentados, anda constantemente a fazer os seus seccores proferir a sua accão oppressora contra os trabalhadores, sempre que estes protestam e não se deixam quietar passivamente por parte dos senhores e donos da industria nacional, embora sejam tucos ou chinos.

A logica há pelo posto da rua 7 do Abril é esta: - sendo patrio do Industrial é bom brasileiro. E o operario que protesta e reclama, o estrangeiro é anarquista. Não ha onde sair.

tribuna e pela penna as doutrinas anarquistas. FESTIVAL DE SOLIDARIEDADE - Os militantes da União dos A. em Calçados, tomaram a iniciativa de realizar um festival, cujo producto será revertido em favor do camarada Carlos Dias.

Este festival será effectado no dia 2 do fevereiro proximo, no salão Carlos Dias, e obedecerá ao seguinte programma: 1 - Abertura pela orchestra. 2 - Conferencia. 3 - Pelo Grupo Theatro Social será levado á scena o empolgante drama em 3 actos, intitulado "Sombra e Luz".

Nos intervalos haverá refectivas e kermesse. Os ingressos são pessoas e no preço de 1500, e desde já encontrados na nossa redacção e no secretariado das associações de classes. Camaradas e sympathizantes: solidariedade!

U. dos Empregados em Cafés

Comunicamos-nos que foi effectuada uma assembleia geral de U. dos Empregados em Cafés, na feira ultima, sendo, na mesma assembleia, empossada a nova C. E. Foram também deliberadas varias medidas com o fim de reorganização da classe, sendo para isso nomeada uma comissão com o encargo de trabalhar nesse sentido.

EM SANTOS A agitação dos operarios das Docas

AGUA NA FERVURA. Não ha negar que reina grande agitação entre os trabalhadores das Docas, motivada pela descesa dos salarios. Dita agitação não se limita somente aos operarios da descarga, antes, porém, se estende á seccões de construcção, maritimo e escriptorios. Aquellos são os que mais se sentem a dor sentir os que a necessitam mais tem accedido. Ora, os direlentes daquello polo, são perspicazes e apreciando-se do estado de chibollo de seus operarios, resolveram "Atenuar" o mal, mandando-lhes a sorte de 100 centos aumentando-lhes 100 réis por hora, ou seja 800 réis por dia. Isso é o que se chama, jogar a fúria na fúria. Desta vez, porém, enganaram-se os chefes da Companhia porque, ao serem affixados nos portões dos armazens, os navios que noticiam aos operarios de semelhante augmento, foram os mesmos arrancados violentamente. E' que o descontentamento é um facto, e não nos admirará que mais dias ou menos dias o pessoal das Docas se levante em greve. Como porém, não possuem organização, não será extranhavel que amanhã a Companhia, de parceria com as autoridades, faça constar pelas columnas da imprensa burgueza, de que o gpe pessoal está satisfeito e que a presente agitação é obra de elementos delictorios que procuram perturbar a marcha normal do trabalho, procurando assim justificar possíveis violências. Alias isso já foi affirmado ha dias, por um pasquinista da terra uolante e resolveu em notulas tendenciosas, que procura fazer com que alguns militantes conhecidos venham a banhar o Christo.

FESTIVAL DO SYNDICATO DOS CANTEIROS

Em beneficio do camarada Abilio Lima, que se acha enfermo de ha muito tempo, este syndico organizou para hoje, um espectáculo a effectuar-se no Theatro Carlos Gomes com o concurso da orchestra Lyra d'Apollo,

de Santos, e Grupo Theatro Social, de S. Paulo. O espectáculo constará do seguinte programma: 1 - Ouverture pela orchestra Lyra d'Apollo. 2 - A Intencional. 3 - Polo. 4 - Social servido a scena a comedia em 1 acto, intitulada "Ao Releito". 5 - Conferencia por um camarada da U. dos A. em Calçados. 6 - Th. Social subirá a scena o drama social em 3 actos, intitulado "Militarismo e miseria".

Em Ribeirão Pires AINDA SOBRE A GREVE DOS CANTEIROS - O Syndicato dos Canteiros prosegue firme na luta contra o abastamento dos preços do material, confiado na sua victoria proxima, cada dia mais certa e proxima.

Em Petropolis Bilhetes de Petropolis - O preço do christma - Como nos annos anteriores (infelizmente) realizou-se nas vésperas de Natal, a importante feira clerical denominada "christma". Para esse fim subiu da capital um bispo, acompanhado dos necessarios acolitos.

Até aqui nada ha de mais. O mais interessante de tudo, e o que mostra o quanto são velhos estes representantes de Christo, é para os que ainda vivem no mundo por terem os outros viver, é o que vamos narrar, e que serve ao menos para acanular os que ainda se iludem com a religião catholica, e caterva. Estavam sentados em um banco da praça D. Pedro, quando um senhor trajando pobremente nos dirigiu as seguintes palavras:

Canalhas, pensei que podis levar a criança sem pagar nada. Perguntamos: Quem é canalha? E o operario continuou: são os padres, todos juntos! Interrogamos: que houve? Não vêm os senhores que eu tenho uma criança para christma e, como não sabia que era preciso PAGAR, levei a Igreja. Ao chegar lá, disseram-me a entrada que a "criança" GUSTAVO VAZ DIZ TOSTOES.

Mas acham que é um roubo, uma exploração? Pois que os seus padres não reclamam cobrir os sacramentos, ministros, pois, não, como todo mundo se sabe, muito ricos mesmo: BUSTOES, FACTOS, não o almas, e vimos em cada offritia mesquin demonstração de odio para com a "religiosidade" clerical, enquanto o cavalheiro se reclinava dizendo: "Eu é que ja mais os sustentarei; que trabalhem como eu dia e noite - se quero comer, vestir e morar".

Malandrões, vendem christmas, baptizados e enamentos a ainda dizem nos folhos que os precuam que POR MENOS NEM UM TOSTAO.

Quão tova Guerra Junqueiro quando escreveu: "Oh Christo, ainda ver esta fúria, estes bandidos, estes ladrões".

ANTONIO BARRERA. U. dos Canteiros de S. Paulo - Balanço do festival realizado em 1 de Dezembro de 1923 em beneficio de "A Plebe", de S. Paulo, e "Avanti!", de Alito.

Table with financial data: ENTRADAS, 588 Ingressos, Venda de flores, 5888900, 1054900

Table with financial data: Lello de prendas, Kermesse, Tomada, Donativo de B. Garcia, Total, 11954900

Table with financial data: DESPEZAS, Aluguel do salão, Ingressos e bilhetes de Sombola, Orchestra, Danças (2 amadoras), Casa Theatral, ponto e creche, Objectos para a kermesse, etc., Total, 11954900

O saldo liquido verificado no festival foi de 3724900, havendo por receber 18300 de ingressos que, assim que forem recebidos, serão entregues aos jornas beneficiados.

Table with financial data: Bilhetes de Petropolis, O preço do christma, Como nos annos anteriores (infelizmente) realizou-se nas vésperas de Natal, a importante feira clerical denominada "christma".

Até aqui nada ha de mais. O mais interessante de tudo, e o que mostra o quanto são velhos estes representantes de Christo, é para os que ainda vivem no mundo por terem os outros viver, é o que vamos narrar, e que serve ao menos para acanular os que ainda se iludem com a religião catholica, e caterva. Estavam sentados em um banco da praça D. Pedro, quando um senhor trajando pobremente nos dirigiu as seguintes palavras:

Canalhas, pensei que podis levar a criança sem pagar nada. Perguntamos: Quem é canalha? E o operario continuou: são os padres, todos juntos! Interrogamos: que houve? Não vêm os senhores que eu tenho uma criança para christma e, como não sabia que era preciso PAGAR, levei a Igreja.

AO chegar lá, disseram-me a entrada que a "criança" GUSTAVO VAZ DIZ TOSTOES. Mas acham que é um roubo, uma exploração? Pois que os seus padres não reclamam cobrir os sacramentos, ministros, pois, não, como todo mundo se sabe, muito ricos mesmo: BUSTOES, FACTOS, não o almas, e vimos em cada offritia mesquin demonstração de odio para com a "religiosidade" clerical, enquanto o cavalheiro se reclinava dizendo: "Eu é que ja mais os sustentarei; que trabalhem como eu dia e noite - se quero comer, vestir e morar".

Malandrões, vendem christmas, baptizados e enamentos a ainda dizem nos folhos que os precuam que POR MENOS NEM UM TOSTAO.

Quão tova Guerra Junqueiro quando escreveu: "Oh Christo, ainda ver esta fúria, estes bandidos, estes ladrões".

ANTONIO BARRERA. U. dos Canteiros de S. Paulo - Balanço do festival realizado em 1 de Dezembro de 1923 em beneficio de "A Plebe", de S. Paulo, e "Avanti!", de Alito.

Table with financial data: ENTRADAS, 588 Ingressos, Venda de flores, 5888900, 1054900

